

## Entrevista com Rita Süssekind, tradutora da série *best-seller Os Instrumentos Mortais*

Beatriz Passamai Pereira<sup>1</sup>

Danilo de Oliveira dos Santos<sup>2</sup>

Henrique Manenti Felisberto<sup>3</sup>



Rita Süssekind

Rita Süssekind é responsável pela tradução dos seis livros da série *best-seller Os Instrumentos Mortais* (*The Mortal Instruments*), de Cassandra Clare, lançados originalmente entre 2007 e 2014 pela editora Margaret K. McElderry e entre 2010 a 2014 pela Galera Record no Brasil. Trata-se de uma sequência de livros de fantasia destinados ao público infanto-juvenil que vendeu mais de 26 milhões de cópias em todo o mundo, ganhou adaptação em filme e série e conta com uma base fiel de fãs na internet. Süssekind atua como tradutora *freelancer*, é graduada em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e tem mais de dez anos de experiência no mercado da tradução. A entrevista foi concedida em novembro de 2021 por mensagens de áudio e aborda questões sobre o mercado editorial, sob o ponto de vista da tradução e da crítica de tradução.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Arte Medieval Alemã na Universidade Federal do Espírito Santo, doutoranda em Estudos da Tradução e graduanda em Letras Alemão pela Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras língua inglesa e literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em literatura de língua inglesa pela Universidade São Luís e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Bacharel em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Esta entrevista fez parte do material da pesquisa “O Twitter como ferramenta na construção da crítica”,

Nosso objetivo foi ouvir a experiência desta tradutora, sua posição pessoal, bem como o funcionamento do mercado editorial atual no contexto da literatura infantojuvenil e fantástica, e como o tradutor se insere nesse meio. Optamos por seguir o tom informal de Rita Süssekind na transcrição.

### ***Como você se tornou tradutora?***

Eu me tornei tradutora um pouco no susto. Falava inglês com fluência desde pequena, estudei em uma escola britânica e na faculdade eu cursava história, então estava naquela de “ah, vou fazer mestrado, vou fazer doutorado”. Eu era nova, tinha 20 anos e pensava se iria fazer outra faculdade, se já ia tentar começar a dar aula... E enquanto eu pensava, falei: “Eu preciso arrumar alguma coisa para fazer profissionalmente para ganhar pelo menos um trocado enquanto eu não decido a minha vida”. E então, pensando nas coisas que eu sabia fazer, eu sabia falar inglês e achei na internet um site — que eu acho que nem existe mais — chamado traduzimos.com. Eles trabalhavam com texto acadêmico, basicamente, tinha muito *summary*, daqueles que você manda quando você vai tentar fazer uma proposta de projeto de mestrado ou doutorado. Era bastante desafiador porque era sempre com alguma linguagem que eu não dominava, eu falava inglês com fluência, mas não dominava o jargão específico de muitas áreas. Inclusive, das áreas com as quais eu trabalhava mais, que eram a medicina, a agronomia, a engenharia. Não tinha nada a ver com o que eu estudava, mas eu fui precisando do dinheiro e encarei. Fui tendo bons resultados e quando já estava mais calejada, já conseguia fazer com mais velocidade — porque tem isso também: quando você está aprendendo, você demora um pouco para pegar o ritmo — quando eu tive mais ritmo, me surgiu a primeira oportunidade editorial na Rocco e então não parei mais. Desde aí fui começando a ter outras oportunidades em outras editoras, tive a sorte de poder trabalhar com alguns livros grandes, o principal deles foi a série Os instrumentos mortais. E o que era uma solução até eu decidir o que fazer da vida após a faculdade acabou virando minha ocupação *fulltime*.

### ***Como o mercado editorial influencia no resultado final do seu trabalho como tradutora?***

Eu acho que, na verdade, a maior influência que existe no meu trabalho em si são os prazos, principalmente dependendo do livro. Nos últimos livros de Os instrumentos mortais, por exemplo — saga que já era sucesso — os fãs já esperavam o lançamento, e as editoras não queriam lançar aqui no Brasil muito tempo depois do lançamento original. Então,

nem sei se por uma questão de não perder vendas ou se para acelerar mesmo, principalmente por ter um seriado em andamento, tínhamos um tempo mais curto para lançar o livro traduzido. Então, creio que a maior influência do mercado é essa mesmo, porque no meu trabalho em si eu costumo ser o mais fiel possível ao estilo e à linguagem do autor, pois, apesar de ter a minha digital ali, quando eu entrego um trabalho pronto, a obra tem um autor e seu estilo tem que ser respeitado, mesmo em outra língua. Eu costumo seguir isso muito à risca. E eu nunca tive cobrança para mexer nas minhas traduções. No trabalho em si, a única coisa que eu ajusto no geral é o prazo: se for muito curto, trabalho mais horas, se tiver mais tempo disponível, eu vou fazendo com mais folga, sempre depende. Eu consulto sempre as editoras quando têm palavrões no original, pois tem editora que não gosta desse tipo de linguagem na tradução, então sempre pergunto sobre questões mais técnicas que vão ser resolvidas pelo editor mesmo, no *copydesk*. Às vezes, eu deixo anotado: “no original isso aqui é um palavrão, é um ditado, uma frase que não faz sentido em português, eu adaptaria desse jeito”. Algumas coisas você adapta, porque o contrato que a gente recebe é de tradução e adaptação, então às vezes existe algum ditado popular ou alguma expressão idiomática que não faz sentido em português, nesse caso, procura-se alguma outra conhecida na nossa língua. Ditado popular, por exemplo, acontece muito. Às vezes, algum ditado popular em inglês não existe diretamente em português, mas a mensagem que se quer passar com aquele ditado possui algum equivalente em nossa língua, então acabo usando o equivalente.

***Já aconteceu alguma vez de discordar da tradução ou especificação de modificação da editora? Se sim, como foi resolvido?***

Não, nunca me aconteceu de discordar da tradução. Isso é muito comum, na verdade, com livros de universo de fantasia, em que alguns termos inventados existem e nesse caso precisamos inventar um termo novo em português para ser fiel ao estilo narrativo. Às vezes eu mando sugestões, explico que tal palavra não existe e, ao final, principalmente quando é série A, cria-se um dicionário para que nos próximos volumes, quando surgir novamente a palavra que o tradutor inventou, a gente saiba qual termo foi utilizado.

A única mudança mais significativa que eu já fiz em uma tradução foi justamente em *Os Instrumentos Mortais*, quando os personagens fazem aqueles feitiços de disfarce. Tem uma cena no primeiro livro, se eu não me engano, na qual o Jace e a Clary entram numa igreja, que na verdade serve de fachada, pois seu interior é diferente. A impressão do mundano quando vê aquilo é a de que aquela é uma igreja ou então uma construção ou um edifício em construção, um prédio abandonado, mas, na verdade, para os caçadores de

sombras é outra coisa. No original, há um feitiço chamado glamour que eu tinha traduzido originalmente como glamour, mesmo em português, e explicava o que era. Entretanto, na edição final ficou diferente, virou feitiço. Isso não fui eu quem alterou, eu havia deixado glamour, mas a editora só me avisou porque eu perguntei quando eu fui fazer o segundo volume se algum daqueles termos que eu inventei havia passado, se puseram algum outro termo para poder ajustar no segundo volume, então me contaram que não haviam mexido em nada do que eu fiz, só nesse caso em específico. Sendo assim, fiquei chamando de feitiço até o fim. Não discordei, não criei caso, não virou um problema. Eu especificamente nunca tive nenhum problema nesse sentido.

***Geralmente há uma invisibilização do tradutor, porém algumas vezes, ele é justamente alvo da crítica. Já se deparou com alguma crítica de alguma tradução sua (seja crítica amadora ou crítica acadêmica)? Se sim, como lida com isso?***

Acho que por sorte nunca nenhuma crítica chegou até mim, pode ser que existam várias e eu apenas não li, não tive acesso. Mas é claro que todo mundo tem uma certa dificuldade em lidar com crítica, principalmente quando é livro. Quando é algum documento, algum trabalho menor e alguém critica sua tradução, principalmente se for algo técnico, é mais fácil de você se adequar, se ajustar, mas num livro você tem uma relação mais longa, principalmente quando é série — o filho é um pouco seu também. Aí talvez seja mais difícil lidar com alguém criticando o trabalho porque você tem um carinho maior. Eu pelo menos tenho um carinho maior pelos livros que eu traduzo, muito mais do que por textos técnicos, acadêmicos ou artigos, porque o livro é um trabalho mais longo, demora alguns meses, você acaba se envolvendo com a história, então é mais difícil receber crítica.

Eu tenho sorte, a única coisa que já chegou até mim, muitas vezes pelo Twitter, é de fã de alguma série me procurar ou até me citar, mas sempre foi falando bem. Mas eu acho que eu lidaria desse jeito, eu talvez ficasse chateada, mas sei ouvir, isso é algo importante em qualquer profissão. Já recebi críticas de outros trabalhos técnicos por conta de não captar muito bem o espírito da linguagem de um artigo, então eu ouvi, entendi o que a pessoa queria e refiz nos moldes que ela me pediu.

Em relação a saber ouvir, eu tenho uma família grande, são quatro irmãos, mãe e pai muito participativos, então quando a gente fazia alguma coisa errada, sempre ouvíamos crítica. Era uma questão de se adaptar, então eu aprendi isso cedo no cotidiano e tento aplicar no trabalho quando surge. Talvez, dependendo do livro, eu ficasse chateada, mas eu não posso deixar de ouvir de quem está lendo, porque a pessoa não vai criticar sem motivos, se ela está falando, pode ter algum fundamento e devo escutar e, se eu concordar, claro,

ajustar. Se eu não concordar com a crítica, vou buscar entendê-la para ver se faz sentido e possivelmente resolver o problema.

### ***O que é uma boa tradução para você?***

A boa tradução para mim é, principalmente, você respeitar o estilo do autor. Na verdade, uma outra pessoa traduzindo o mesmo texto que eu resultaria em um texto diferente porque cada um tem um estilo próprio. Eu, antes da minha primeira tradução para a Rocco, tive uma reunião com a editora. Eu era bem nova e esse foi o primeiro conselho que recebi e apliquei em todas as traduções que já fiz na vida: o mais importante é você respeitar o estilo do autor. Se você não concorda, se você acha que pode escrever melhor de outro jeito, problema seu, você tem que ser fiel ao estilo do autor para não comprometer a obra dele, para não mudar a forma como ele escreveu.

Seguindo esse conselho, para mim uma boa tradução exige respeito às normas da linguagem e ao estilo do autor também. Na verdade, eu sempre falo para todo mundo que me pergunta como consegui ter essa carreira, porque eu falava bem inglês, mas, na verdade, o meu diferencial era falar bem o português, que é uma língua muito difícil, e a linguagem escrita possui formalidades que não usamos na linguagem falada. E tem que saber essa diferença: o que é apropriado falar e o que é apropriado escrever. Às vezes, quando o texto é de diálogo, você pode ser um pouco mais coloquial. Então é basicamente isso, você precisa possuir o domínio da sua língua e, principalmente, respeitar o estilo do autor.

### **Qual de suas traduções você considera a que teve um melhor resultado? Por quê?**

Eu não sei exatamente como avaliar o resultado. Depende de qual resultado: do meu trabalho ou o resultado comercial?

Em relação ao meu trabalho, sempre tento fazer o melhor que posso em todos eles, respeitando o estilo do autor e a língua portuguesa. Certamente o trabalho mais importante para mim, o que mais me deu visibilidade foi a série *Os instrumentos mortais*, pois foi uma série muito grande. É uma saga que os fãs são muito apaixonados e teve um filme e um seriado. Eu recebi muitos contatos de outras editoras e tive a chance de fazer vários outros trabalhos graças a essa série, porque em termos de venda, em termos comerciais, eu acho que das minhas traduções esses livros foram os que mais venderam.

Não sei responder quanto ao melhor resultado do trabalho, porque eu sou igualmente dedicada em todos eles, mas comercialmente falando, *Os instrumentos mortais* foi minha tradução mais lida por conta do sucesso e das vendas. Eu já traduzi facilmente mais de cem livros e a maioria dos fãs desta série talvez não tenham nem ouvido falar deles, não conheçam.

### *Como o profissional de tradução passa a ser respeitado pelas editoras e pelos leitores?*

Existem alguns textos e alguns livros, muitas vezes acadêmicos, em que o tradutor recebe destaque. Livro de poesia e afins são mais difíceis de você traduzir e transmitir o sentimento e a essência do original, porque muita coisa, principalmente em poesia, acaba se perdendo na tradução. Algumas vezes, existem frases que só fazem sentido na língua original e, no caso dessas obras, os tradutores recebem muito destaque.

Comigo, particularmente, eu já senti esse reconhecimento por rede social. Já recebi depoimentos de gente que leu alguma série que eu comecei e não fui eu quem concluiu, e me foi dito que estavam adaptados à minha tradução e que gostavam bastante. É bacana você receber esse tipo de retorno, porque muitas vezes o nosso trabalho é um pouco invisível. Quem escreveu a obra foi o autor, e um fã daquele livro é fã do autor, não do tradutor.

As editoras certamente valorizam muito o profissional porque ele trabalha com um prazo que, às vezes, é apertado. Comigo já aconteceram diversas coisas. Uma vez roubaram um carro meu em que o computador estava dentro da mala, foi provavelmente durante a tradução do terceiro ou do quarto da série Os instrumentos mortais, e eu perdi um pedaço grande do arquivo e tive que refazer às pressas para poder entregar a tempo. A editora reconhece isso, até porque se você for olhar qualquer software ou qualquer ferramenta que faça uma tradução automática por inteligência artificial, não fica igual, não substitui o trabalho humano, e as editoras sabem disso.

Eu não sei qual é a dimensão que os leitores têm disso ou se param para pensar muito nisso, porque antes de ser profissional da tradução eu nunca havia parado para pensar no trabalho do tradutor ou se era um profissional que fazia falta ou não, mas depois que eu comecei a trabalhar e passei a tentar ler as traduções dos outros e ler menos o livro original, para prestigiar o mercado nacional, passei a valorizar.

Voltando às editoras, no dia do tradutor é bem comum você ver perfil de editora dando parabéns aos tradutores, explicando que várias leituras foram possíveis porque o tradutor tornou o texto acessível na língua do país. Então, eu, particularmente, sinto meu trabalho valorizado pelas editoras e quando eu tenho contato com algum leitor, também.

As críticas dos leitores costumam ser boas e eu sinto o meu trabalho valorizado porque a ponta final da minha profissão é, no fim das contas, essa: eu traduzo para poder chegar aos leitores. E quando o leitor recebe bem, principalmente alguém que não tem acesso à língua original e precisa da tradução para poder fazer a leitura, é muito legal saber que eu fiz parte desse processo.

### ***Quais os maiores desafios de traduzir best-sellers e séries de livros?***

O maior desafio é a visibilidade, justamente porque um livro quando vira filme ou série, o tradutor da legenda vai fazer o trabalho dele e, se houver palavras inventadas, o profissional também inventará seus próprios termos. Nesse caso, talvez não saia na legenda do filme ou da série o mesmo termo que eu usei no livro. Não sei, de fato, como fica essa referência para quem está fazendo a legenda porque normalmente o livro sai primeiro, porém muita gente passa a ter acesso às obras a partir de filmes ou séries e vai ler o livro depois. Então o público entrará em contato primeiro com a tradução de quem legendou e pode estranhar a tradução do livro se não for igual.

Ainda, o que pode acontecer com esses livros maiores que são mais lidos e vendidos é que o leitor entre em contato com o original e depois leia a tradução, criando suas próprias opiniões quanto à forma como o texto foi traduzido. Então, acredito que o desafio é a maior visibilidade, o que é ótimo, porque você irá fazer um trabalho que mais pessoas irão buscar e ler, mas, ao mesmo tempo quanto, mais visibilidade a obra tem, mais alvo de crítica vai ser.

### ***Mais especificamente sobre a série Os instrumentos mortais, de Cassandra Clare, quais os desafios de traduzir esses livros para o português?***

O desafio de *Os instrumentos mortais*, em primeiro lugar, é a grande visibilidade que essa série tem. Eu gostei muito de tê-la feito desde o primeiro volume, é um livro que se eu não tivesse traduzido e tivesse apenas lido, eu teria lido a série inteira.

Eu tive a oportunidade de ter uma troca de e-mail com a Cassandra Clare quando eu estava traduzindo o primeiro volume, ela me perguntou qual foi o termo que eu usei para *shadowhunter* pois essa é uma palavra especificamente inglesa e único termo que ela queria saber em todas as línguas como ficou, eu falei que era caçadores de sombra. Ela é uma simpatia, o que faz você querer ainda mais o trabalho dela e fazer um trabalho que fosse deixar ela orgulhosa, caso ela fosse ler.

Quando eu fiz o primeiro volume, obviamente eu não sabia que ia crescer tanto, que iria ter inúmeros volumes, porque a princípio era uma trilogia. Eu também não fazia ideia da quantidade de fãs e do quanto ainda ia crescer, mas eu sempre quis respeitar muito a obra. Quanto mais famosa foi ficando, mais foi aumentando o desafio porque aumenta a visibilidade e os prazos vão ficando mais curtos porque a editora quer lançar o mais próximo possível do lançamento original, então eu trabalhei muito com prazos mais curtos nos volumes seguintes e também eu tive muito apego a esses trabalhos e queria fazer o melhor possível.



Por ser um universo de fantasia, tem muitos termos inventados, *shadowhunters*, o próprio glamour que mencionei anteriormente, os tipos das marcas que os personagens possuem, cada uma com um objetivo, enfim, e várias criaturas também, criaturas e mundos que não possuem correspondentes em português porque foi a autora que criou, então eu tenho que criar alguma que traga o sentido que a autora quis botar e que respeite ao máximo o que ela fez ali.

Dito isso, acho que o desafio principal é esse, que é comum a livros de fantasia em geral: os termos e os mundos criados. O tradutor tem que entrar naquele mundo e fazer o melhor possível com os nomes dados, porque se você pegar um livro histórico, por exemplo, as palavras todas já vão existir em português, você não tem um trabalho de criação que na tradução de livros de fantasia você precisa encarar.

***Segundo a sua expertise, ao que ser fiel? Ao projeto tradutório apresentado pela editora ou à sua visão de tradução daquilo que o texto deveria ser?***

Eu acho que você tem que ser fiel à sua visão também, mas eu sempre tive a sorte de trabalhar com editoras que o projeto era este: sempre a intenção era a de ser fiel ao texto, ao estilo do autor e à língua. Temos que ser fiel à nossa língua também, então eu responderia que devemos ser fieis ao projeto tradutório apresentado pela editora ou à nossa visão de tradução. Talvez por estar há anos trabalhando desta forma, as minhas regras são parecidas com as das editoras. Talvez só a questão do palavrão que a Record, a editora de *Os instrumentos mortais*, nunca teve nenhuma censura com relação a isso.

Às vezes, quando o livro é para um público mais infantil, você tem que ter mais cuidado com os termos que você usa, você tem que pensar quem é o alvo daquele livro. Eu já traduzi muito livro para criança também, claro que nesse caso no original também não vai ter nada muito pesado, mas a linguagem tem que ser mais fácil, mais de acordo com a idade do leitor. Enfim, por sorte, os meus projetos são sempre bem parecidos com os da editora, em resumo é isso, sempre o que me pediram é o que eu faço.

## REFERÊNCIAS

CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade dos ossos*. Tradução de Rita Sússekind. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade das cinzas*. Tradução de Rita Sússekind. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.

CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade de vidro*. Tradução de Rita Sússekind. Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.



CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade dos anjos caídos*. Tradução de Rita Süsskind. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.

CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade das almas perdidas*. Tradução de Rita Süsskind. Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

CLARE, Cassandra. *Os instrumentos mortais: Cidade do fogo celestial*. Tradução de Rita Süsskind e Ana Resende. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.

